



## **Casamento, herança e negócios no conto Luís Soares, de Machado de Assis**

Marriage, inheritance and business in the tale “Luís Soares” by Machado de Assis

Lourenço Resende da Costa<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo nesse artigo é analisar como Machado de Assis no conto Luís Soares refletiu a respeito dos mecanismos de manutenção social e econômica a partir da estratégia do casamento e da herança. O intuito é mostrar que o conto, incluído na coletânea Contos Fluminenses, retrata aspectos verossímeis da sociedade carioca do século XIX, contribuindo também para as discussões acerca do valor documental da literatura para a pesquisa histórica.

**Palavras-chave:** Casamento; Século XIX; Machado de Assis.

**Abstract:** The article aims at analyzing how Machado de Assis, in the tale entitled Luís Soares, reflected on the social and economic mechanisms of maintenance, taking as starting points the strategies of inheritance and marriage. The objective is to demonstrate that the tale, which is part of the collection “Contos Fluminenses” (“Fluminense Tales”), portrays actual aspects of society in Rio de Janeiro, in the nineteenth century. In addition, it is a great contribution to the discussions over the documentary value of literature for historical research.

**Keywords:** Marriage; nineteenth century; Machado de Assis.

O conto, sem entrarmos nas discussões a respeito das particularidades dos diferentes gêneros literários, é uma história menos extensa que um romance. Os temas variam de acordo com o autor e o contexto, muitas vezes para a compreensão de um conto é necessário um conhecimento histórico que ultrapassa o campo da Literatura, exigindo do leitor e do pesquisador um verdadeiro trabalho interdisciplinar. O conto pode ter fundo moral, outras vezes o contista deseja repassar uma mensagem política, social, cômica, etc. Com linguagem metafórica e ficcional esse tipo de literatura nos faz refletir sobre a sociedade e o tempo do seu autor.

Machado de Assis usou no século XIX a imprensa como principal veículo para disseminar seus escritos e realizar uma crítica da sociedade escravista daquele século. O jornal permitia que seus textos chegassem ao público e o conto, antes da publicação de seu primeiro romance, já era um gênero literário utilizado pelo autor para uma análise social. Em 1872 ele estreou como romancista com Ressurreição e sua criticidade social

---

<sup>1</sup> Mestre em história pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – UNICENTRO.

nos romances posteriores aumentou gradativamente. No entanto, em *Contos Fluminenses*, coletânea de contos publicada em 1870, Machado já demonstrava uma ácida apreciação de sua sociedade, visão que se acentuará nos chamados romances da maturidade: *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*, principalmente.

*Contos Fluminenses* foi a primeira coletânea do gênero feita pelo autor. Assim como os romances, os contos machadianos podem ser, de acordo com a crítica literária, “classificados” e variam de “qualidade”. Para John Gledson, “em termos da evolução intelectual do seu autor, *Papéis avulsos* (1882) é sem dúvida a mais importante das coleções de contos de Machado de Assis” (GLEDSON, 1998, p. 15).

O crítico literário ressalta a possibilidade de se traçar um paralelo entre a coletânea de textos intitulada *Papéis Avulsos* e os romances a partir de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, uma vez que as memórias de Brás Cubas foram publicadas em 1881 (GLEDSON, 1998, p. 15). Essa relação ilustraria, portanto, que a maturidade literária de Machado de Assis ocorreu, mais ou menos ao mesmo tempo, nos diferentes campos das letras em que o escritor atuava. Assim como nos romances, nos contos a crítica social sob a pena do autor passou a ser mais aguda.

*Contos Fluminenses* à qual faz parte o conto *Luís Soares* é uma coletânea cronologicamente anterior à fase madura de Machado, portanto, anterior à década de 1880. Mas, como ressalta Hélio de Seixas Guimarães, a fase romântica do bruxo do *Cosme Velho*, principalmente a partir do início da década de 1870, na verdade foi uma luta, um combate ao modelo romântico (GUIMARÃES, 2004, p. 107).

No entanto, devido ao gosto literário no Brasil no século XIX que privilegiava o romantismo, Machado de Assis teve que ceder em alguns casos ao que a crítica exortava. Vejamos:

Em comum, temos narradores [em *Ressurreição* e *A mão e a luva*] que lançam mão de esquemas e preceitos dominantes para demonstrar sua artificialidade e impropriedade, minando alguns procedimentos do romantismo desde dentro e procurando transformar o leitor, se não num anti-romântico, pelo menos num receptor crítico da literatura romântica (GUIMARÃES, 2004, p. 126).

Nos romances **Helena** e **Iaiá Garcia** o romancista foi obrigado a mudar de postura a respeito do modelo romântico em função da recepção do público e principalmente da crítica especializada do século XIX. O gosto arraigado do público brasileiro pelos textos

românticos não permitia que Machado de Assis levasse ao extremo sua postura de negação dos esquemas do romantismo:

É como se nesses dois livros Machado ajustasse sua expectativa de público – seu público virtual – ao público de fato disponível no Brasil... Com isso, o escritor aproximava-se do gosto de grande parte do público leitor, que tinha muito apreço pelas narrativas melodramáticas e sentimentais... As expectativas desse público, no entanto, são apenas parcialmente correspondidas pelos livros já que em Helena os esquemas do melodrama não se completam e em Iaiá Garcia eles são sistematicamente frustrados... (GUIMARÃES, 2004, p. 149).

O objetivo não é discorrer a respeito dos romances. No entanto, essas ponderações são importantes para ressaltar que mesmo o conto Luís Soares estando presente em Contos Fluminenses, portanto anterior à “grande” fase do literato, o texto e os demais presentes na mesma coletânea não são destituídos de criticidade social.

A intenção tampouco é estabelecer “um lugar” para Contos Fluminenses dentro do conjunto da obra machadiana. Nosso intuito é analisar como o contista refletiu as questões em torno do casamento. As motivações existentes, principalmente pecuniárias, para se almejar um casamento. Entre os vários textos o objeto de análise centrar-se-á em um conto específico: Luís Soares.

A escolha do conto Luís Soares para análise se justifica na medida em que o texto é fruto do contexto em que está inserido seu escritor. O texto narra a história de Luís Soares, mancebo que herdou fortuna de seus pais, mas que passou a trocar o dia pela noite e não gerenciou a herança recebida. Quando ficou ciente do fim de seus contos de réis, três alternativas lhe vieram à cabeça para solucionar o problema: um emprego em algum órgão do governo, um casamento ou uma herança. A primeira opção era a menos interessante para o rapaz. O texto tem como palco a Corte do segundo reinado e como personagens pessoas pertencentes às principais camadas da sociedade carioca. A verossimilhança dá o tom da história narrada no conto:

Soares acrescenta que a fortuna suplantara a natureza, deitando-lhe no berço em que nasceu uma boa soma de contos de réis. Mas esquecia que a fortuna, apesar de generosa é exigente, e quer da

parte dos seus afilhados algum esforço próprio. A fortuna não é Danaide. Quando vê que um tonel esgota a água que se lhe põe dentro vai levar os seus cântaros a outra parte. Soares não pensava nisto. Cuidava que os seus bens eram renascentes como as cabeças da hidra antiga. Gastava às mãos largas; e os contos de réis, tão dificilmente acumulados por seu pai, escapavam-se-lhe das mãos como pássaros sequiosos por gozarem do ar livre (ASSIS, 2006, p. 50).

O rapaz não soube administrar a herança recebida e não lia as cartas que o banqueiro lhe enviava o alertando da necessidade de austeridade com os gastos, caso contrário a fortuna se dissiparia rapidamente. Raymundo Faoro destaca a inflação no Brasil no século XIX. O autor ressalta a importância de um bom gerenciamento do capital e da renda, pois, caso fosse mal administrado os bens, os juros fixos dos títulos, muitas vezes públicos, não acompanhariam a desvalorização da moeda: “O índice do custo de vida, calculado em 100 em 1850, depois de vinte anos, em 1870, chegou a 116” (FAORO, 1976, p. 211).

Segundo Faoro, a herança e um casamento bem arranjado eram duas formas comuns das pessoas das camadas sociais abastadas resolverem seus problemas financeiros e de se conseguir viver na tranquilidade: “O traço comum dessa legião de filhos e sobrinhos aquinhoados pela morte virá do horror ao trabalho. Todos cultivam o bom e elegante ócio” (FAORO, 1976, p. 208).

Dissipada a herança, dos três caminhos cogitados por Luís Soares para recuperar a riqueza, o que lhe menos agradava era ter que trabalhar. No entanto, como a única noiva em perspectiva, sua prima Adelaide, tinha apenas trinta contos de réis de dote, o rapaz resolveu optar pelo caminho do funcionalismo público do século XIX. Mas, o que o levou a escolher essa alternativa não foi a possibilidade de enriquecer com o trabalho e sim a pouca fortuna da noiva. Além disso, ao escolher a opção pelo emprego Luís Soares vislumbrava a herança de um tio idoso e achacado de doenças a quem ele iria pedir que o ajudasse a obter o trabalho. Com a opção desse caminho ele pretendia conseguir a simpatia do tio que não tinha filhos para deixar a herança:

Terceiro meio, e o melhor. Vai à casa de teu tio, angaria-lhe a estima, dize que estás arrependido da vida passada, aceita um emprego, enfim vê se te constituis seu herdeiro universal... mas

lembra-te que é o meio único de teres dentro de pouco tempo uma fortuna. Teu tio é um homem achacado de moléstias; qualquer dia bate a bota (ASSIS, 2006, p. 50)

Publicado primeiramente em jornal em 1869 para depois compor a coletânea em 1870, o texto já demonstra que Machado de Assis já percebia os mecanismos usados pelas elites para perpetuarem seu jugo e manterem seus lugares na sociedade. O texto deixa claro o pouco entusiasmo pelo trabalho.

Mais de dez anos depois, no romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, cuja história é ambientada no período anterior a 1869, ano da publicação do conto, temos uma personagem, Quincas Borba, que prefere pedir esmolas a trabalhar. Quincas Borba, posteriormente, foi arrancado da pobreza através de uma herança de um parente de Barbacena-MG, era da herança paterna que também Brás Cubas vivia sem percalços e sem precisar conseguir o pão com o suor do próprio rosto. Segundo Sidney Chalhoub: “Na visão senhorial de mundo, trabalhar era verbo defectivo inconjugável, logo a propriedade herdada afigurava-se essencial à indolência futura” (CHALHOUB, 2003, p.103).

Objetivando alcançar um legado junto ao tio, Luís Soares decide pedir ajuda a ele para conseguir um emprego. Mas, não se trata de ocupação qualquer. É um posto obtido graças às relações políticas e familiares do tio rico. Um trabalho digno das relações adquiridas pelo velho parente:

Levarás amanhã uma carta minha a um dos ministros. Deus queira que possas obter o emprego sem dificuldades. Quero ver-te trabalhador e sério; quero ver-te homem. As dissipações não produzem nada, a não ser dívidas e desgostos... daí a um mês estava empregado em uma secretaria com um bom ordenado.

Embora Soares levasse uma vida na devassidão, trocando o dia pela noite e esbanjando a herança paterna, o tio não lhe negou o afeto e a proteção da família. Para tanto, bastou que o sobrinho declarasse arrependimento e vontade de emendar-se. Não há também, pelo menos de forma total, uma censura da sociedade, pois o ministro amigo do major Vilela não achou dificuldade em conceder o obséquio a Luís Soares, mesmo sendo públicos os péssimos hábitos do rapaz.

A licenciosidade das personagens masculinas na literatura machadiana é conhecida. Temos exemplos ao longo de quase toda a ficção de Machado de Assis: temos Luís Batista em *Ressurreição*, o Conselheiro Vale em *Helena*, Procópio Dias em *Iaiá Garcia*, Brás Cubas em *Memórias Póstumas*, entre outros exemplos. Mas, podemos perceber que nenhuma dessas personagens tem sua posição ou reconhecimento social ameaçada ou desprestigiada, pois trata-se de homens.

As mulheres, no entanto, não gozavam da mesma compreensão da sociedade. Virgília em *Memórias póstumas* leva grandes sustos durante o relacionamento adúltero com Brás Cubas. Capitu, mulher de Bento Santiago, sofria com as suspeitas do marido e foi exilada por Dom Casmurro mesmo sem uma prova concreta da infidelidade.

Segundo Ingrid Stein essas diferentes atitudes da sociedade se justificavam por uma dupla moral. Virilidade para os homens e virgindade para as mulheres.: “Apesar de aparentemente ficar estabelecido que a atividade sexual deveria restringir-se àquela exercida no casamento monogâmico, a situação real era bem outra. De fato, o que havia era uma dupla moral...” (STEIN, 1984, p. 33).

Com o emprego público alcançado, o major Vilela sonda as ambições do sobrinho para a vida Política. Numa sociedade que demonstra pouco apego à ética do trabalho, a vida parlamentar era o caminho natural para fugir da obscuridade e ilustrar ainda mais o nome da família. A Política era a ambição de parte das elites brasileiras e exercia uma fascinação sobre os homens dessas elites; homens que execravam o trabalho viam na vida pública um dos poucos meios de atuação digna de suas estirpes. A esse respeito temos vários exemplos na obra machadiana: O pai de Brás Cubas juntamente com a proposta de casamento apresenta a chance do filho do seu sangue luzir ainda mais o nome Cubas no Parlamento. Temos também o exemplo bem sucedido de Luís Alves, em *A mão e a luva*. Na agonia de sua mente Rubião, em *Quincas Borba*, vai além e sonha ser imperador da França.

Machado de Assis não faz menção explícita a enriquecimento ilícito através dos cofres do império. Brás Cubas, por exemplo, almeja não necessariamente um fim pecuniário com a cadeira de deputado, ele deseja status e notoriedade. Todavia, há também personagens como Procópio Dias, em *Iaiá Garcia*, e Cotrim, em *Memórias Póstumas*, que enriqueceram fazendo negócios com o Estado. Mas são personagens secundárias.

A herança do major Vilela era, para Luís Soares, a mais concreta chance de sucesso na sua fuga da pobreza. No entanto, junto ao tio morava uma prima de Soares, Adelaide, que era apaixonada pelo moço. Se o tio descobrisse a paixão da moça poderia

propor casamento ao mancebo, o que seria difícil de recusar sem desapontar o parente. O que desagrava a Soares não era o casamento em si ou a moça, mas a condição financeira dela. Soares só abandonou a vida devassa por falta de dinheiro e no momento em que conseguisse a herança do tio não precisaria de um casamento.

A paixão de Adelaide era antiga e sabida pelo mancebo. Soares ainda gozava da fortuna quando soube da paixão que lhe tinha a prima. Diante da possibilidade de um casamento com Adelaide seu pensamento foi pragmático: “Quem tem a minha fortuna não se casa. Mas, se se casa é sempre com quem tem mais. Os bens de Adelaide são a quinta parte dos meus; para ela é negócio da China; para mim é um mau negócio” (ASSIS, 2006, p. 58).

No século XIX o amor não era o principal fator, como apregoa Stein (1984), para a escolha do cônjuge. Soares não via no matrimônio algo sagrado, ele via apenas a conveniência e os dividendos que poderiam resultar do consórcio.

Ao descobrir os sentimentos da sobrinha o major propõe ao rapaz um enlace com a prima. Para não recusar abertamente a proposta do tio e colocar em risco a herança, única coisa que realmente é levada em conta pelo rapaz, Soares diz aceitar se casar, mas adverte que não ama a moça. Diante disso o major Vilela pondera:

Gosto de ouvir-te falar essa linguagem poética, mas casamento não é poesia. É verdade que é bom que duas pessoas antes de se casarem se tenham já alguma estima mútua. Isso creio que tens. Lá fogos ardentes, meu rico sobrinho, são coisas que ficam bem em verso, e mesmo em prosa; mas na vida, que não é prosa nem verso, o casamento apenas exige certa conformidade de gênio, de educação e de estima (ASSIS, 2006, p. 60)

A visão do major a respeito do casamento não era algo incomum no século XIX. Maria Beatriz Nizza da Silva estudando o sistema matrimonial no Brasil Colônia percebeu que o amor não era pré-requisito na escolha de um marido ou de uma esposa. No século XVIII incentivava-se a união entre pessoas iguais. A igualdade deveria ser observada principalmente no que se referia aos cabedais (SILVA, 1984, p. 66).

O motivo da repulsa do rapaz em relação à prima era a condição financeira da moça. Para Soares casar com Adelaide, caso a herança do tio fosse deixada para ele, seria dividir ou até subtrair riqueza e não somar ou multiplicar.

A escolha do cônjuge em Machado de Assis, na grande maioria dos casos, não está alicerçada no amor que vence todas as dificuldades. As uniões em grande escala são fruto de interesses políticos, sociais e pecuniários.

O conto Miss Dollar, que também faz parte de Contos Fluminenses, narra a história de uma jovem viúva, rica e bela. Seu primeiro marido a desposou em razão de seu dinheiro. Por esse motivo após ficar viúva a moça não aceita as propostas de segundas núpcias que lhe fazem. Ela acha que todos tem o mesmo propósito: gozar de sua riqueza. Ou seja, casar por interesse ao que parece era a regra e não a exceção.

Soares não tinha a intenção de desposar a prima, seu intuito era ganhar o máximo de tempo possível sem parecer afrontar o tio, “o rapaz estava no gozo da dilação que lhe dera o tio” (ASSIS, 2006, p. 61). Ele evitava Adelaide o máximo possível, era uma esquivança polida, mas o suficiente para suplantar as pretensões nupciais da prima. No entanto, o destino trabalhava em seu favor, mas com sua atitude jogava fora a chance de se elevar acima das turbas.

Antes de falecer o pai de Adelaide a confiou aos cuidados do major Vilela e com ele deixou trinta contos de réis para serem dados de dote. No entanto, a maior parte da herança da moça, trezentos contos de réis, foram deixados por seu pai aos cuidados de um amigo da família. Esse homem deveria fazer cumprir a última vontade do falecido, entregando o dinheiro à ela decorridos dez anos da morte do pai. Nesse ínterim, se ela tivesse se casado o dinheiro lhe seria entregue. Mas, se continuasse solteira haveria uma condição para receber os trezentos contos de réis: somente receberia a herança caso se casasse com o primo Luís Soares.

Se os trinta contos de Adelaide representava apenas a quinta parte dos bens de Soares, quando ele ainda era rico, a fortuna dele somava mais ou menos cento e cinquenta contos réis. Com a herança inesperada ela passaria a possuir mais do dobro da extinta fortuna do primo. Para uma mensuração da fortuna que Adelaide receberia de herança vale fazer uma comparação com outros textos de Machado: Brás Cubas declara possuir trezentos contos no primeiro capítulo de suas memórias; no capítulo 21 de Quincas Borba, Rubião, ainda no gozo de suas faculdades mentais, calcula em trezentos contos a herança recebida do amigo filósofo.

Caso se recusasse a cumprir a cláusula o portador ficaria com o dinheiro. O testador não cogitou a possibilidade de Adelaide estar solteira e Luís Soares já ser casado. Mas, como ele ainda estava solteiro e a condição testamentária era clara, cabia fazer-se cumprir a vontade do falecido.



Há vários textos de Machado em que os testamentos são repletos de condições. Quincas Borba no romance homônimo exige que Rubião cuide de seu cachorro, também com o nome de Quincas Borba, como se fosse o próprio filósofo. O Conselheiro Vale, no romance Helena, exige que os parentes recebam em casa sua filha havida fora do casamento. Chalhoub analisando as circunstâncias da abertura do testamento do Conselheiro Vale, vê no ato um momento de afirmação da classe senhorial (CHALHOUB, 2003, p. 19 a 23).

No século XIX era comum as pessoas redigirem testamento fazendo exigências aos seus legatários; o testador exigia de seus agraciados a observância de certas condições para poderem receber o legado. O reconhecimento de filhos ilegítimos, o pedido de missas pela alma e alforrias era comum nos testamentos oitocentistas (REIS, 1997).

A partir da possibilidade da herança, casar com prima Adelaide era um “negócio da China” para Soares, mas ele não podia dar a entender que o seu interesse era no legado. O plano era simular que aos poucos se enamorou da moça:

O plano de Luís Soares estava feito.

Tratava-se de abater as armas pouco a pouco simulando-se vencido diante da influência de Adelaide. A circunstância da riqueza tornava necessária toda discrição. A transição devia ser lenta cumpria ser diplomata (ASSIS, 2006, p. 65).

Mas, por mais cautela que Soares usasse sua mudança de atitudes não escapou à sagacidade da prima que adivinhou o motivo. A situação se inverteu. Agora era Adelaide quem se esquivava polidamente. A moça evitava o primo e se recusou a receber as cartas enviadas por ele. Diante da insistência e de uma declaração de amor encenada a moça foi à desforra:

- Trezentos contos! É muito dinheiro para comprar um miserável.

E deu-lhe as costas.

Soares ficou petrificado. Durante alguns minutos conservou-se na mesma posição, com os olhos fitos na moça que se afastava lentamente. O rapaz dobrava-se ao peso da humilhação. Não previra tão cruel desforra da parte de Adelaide. Nem uma palavra de ódio, nem um indício de raiva; apenas um calmo desdém, um desprezo

tranquilo e soberano. Soares sofrera muito quando perdeu a fortuna; mas agora que seu orgulho foi humilhado sua dor foi infinitamente maior.

A moça percebendo que o primo só se inclinava ao casamento em razão da herança desiste do legado. Mas, o amigo da família, Anselmo, responsável pelo cumprimento da cláusula testamentária percebeu a situação e resolveu entregar a herança à moça mesmo sem o enlace com Luís Soares.

A família, exceto Soares, embarca em viagem para o velho continente. O final do conto é fúnebre: Luís Soares ao se certificar que perdeu definitivamente, de uma única vez, tanto a chance de um casamento rico com Adelaide como a possibilidade de receber a herança do tio, se suicida.

O conto poderia ser resumido à uma história de um rapaz que esbanjou o dinheiro da herança paterna ao ponto de ficar pobre e que por arrogância e ambição perdeu a oportunidade de enriquecer novamente com um bom casamento.

No entanto, o dramalhão suscita outras reflexões. Luís Soares faz parte de um grupo social do Império que se perpetua no ócio e no poder. Mas, esse poder não dever vir conjugado com as agruras do trabalho. Comprar o pão com o suor do próprio rosto é algo destinado às pessoas que não pertencem à elite.

Herança e casamento: duas estratégias importantes usadas pelas elites para a manutenção de *status* e privilégios de classe. O que vemos no conto Luís Soares é esse jogo de interesses no centro da trama. A narrativa demonstra que as ações da personagem que dá título ao conto mudam em função das chances de se atingir um objetivo específico: viver bem, mas sem trabalhar.

A utilização e citação de outros textos de Machado de Assis posteriores à coletânea *Contos Fluminenses* não se reduzem a uma reunião de detalhes de textos desconexos ao longo da produção literária do autor, para com isso fundamentar a hipótese de que o casamento no século XIX era tratado como um negócio. Mesmo que esse negócio trate de coisas sagradas, conforme ressaltou Faoro (1976, p. 224).

O intuito foi demonstrar que alguns aspectos são recorrentes ao longo da literatura de Machado de Assis e que essas características estão representando a realidade a partir de uma literatura de cunho realista. Mesmo *Contos Fluminenses* fazendo parte da ainda chamada fase romântica do autor. Pois, pactuo da tese de John Gledson que “Machado, como muitos outros romancistas do século XIX, desejava retratar a natureza e o desenvolvimento da sociedade em que vivia” (GLEDSON, 1986, p. 16).

**Bibliografia**

- ASSIS, Machado de. **Contos Fluminenses**. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis: historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- FAORO, Raymundo. **Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio**. 2° ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- GLEDSON, John. **A História do Brasil em Papéis Avulsos de Machado de Assis**. In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Orgs). **A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- GLEDSON, John. **Machado de Assis: ficção e história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- GUIMARÃES, Hélio de Seixas. **Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19**. São Paulo: Nankin Editorial / Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- REIS, João José. **O cotidiano da morte oitocentista**. In: **História da vida privada no Brasil**. Vol. II. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Sistema de casamento no Brasil colonial**. São Paulo: T. A. Queiroz / Editora da Universidade de São Paulo, 1984.
- STEIN, Ingrid. **Figuras femininas de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.